José Martiniano de Alencar

O HOMEM (*)

PELO DR. THOMAZ POMPEU DE SOUZA BRASIL

Antes de delinear o perfil literario de José de Alencar, permitta-se-me tracejar-lhe rapidamente a biographia.

Para alguns talvez seja o homem mal conhecido, porque o romancista empolga toda a nossa admiração com a sua fecunda, imaginosa, sympatica e proteica faculdade creadora.

J. de Alencar abriu os olhos aos primeiros clarões do sol cearense em 1º de Maio de 1829, na visinha villa de Mecejana, ou melhor, na casa modesta que demora proximo do sitio *Alagadiço novo*, antiga propriedade da familia Alencar, cerca de um quarto de legua d'aquella villa.

Seu pai, o illustre senador do mesmo nome, acabava de voltar da triste e tormentosa jornada da revolução do Equador, depois de atravessar os invios sertões do Ceará ao Rio de Janeiro.

O joven, filho de personagem tão illustre, devia brilhar em scenario mais vasto e pacifico; em

(*) Ultimo trabalho sahido da penna do Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil.

vez de revolucionario politico, promoveu revolução mais fecunda e nobre, laureando ás letras nacionaes com a corôa de principe da literatura patria.

Aos 21 annos (1850), recebia o gráo de bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo, tendo por contemporaneos, na Academia, Alvares de Azevedo, Octaviano Rosa e outros de alto renome.

O HOMEM DE LETRAS

Desde o seu 3º anno academico despertara-se-lhe a veia romantica, fundando a revista — *Ensaios literarios,* em S. Paulo.

Acompanhando seu pai, que se transferira para o Rio de Janeiro, em 1850, ahi começou a advogar, sendo poucos mezes depois nomeado professor de direito mercantil no Instituto Commercial.

Attrahia-o, porém, a publicidade, a imprensa; e no *Correio Mercantil,* onde a mocidade liberal achava guarida, representada por Octaviano Rosa e Torres Homem, começou Alencar a redigir sob a forma de folhetim, intitulado *Ao correr da penna,* a faceta revista dos acontecimentos semanaes.

No *Jornal do Commercio* e no *Diario do R. de Janeiro,* sua collaboração tornou-se assidua, aperfeiçoando os dotes jornalisticos que o collocaram a par dos vultos mais queridos e apreciados do publico fluminense.

Foi no *Diario* que Alencar, sob o pseudonymo de Ig., investiu contra Gonçalves de Magalhães, então poeta brasileiro de mais nomeada, já consagrado pela Imprensa. O cantor dos *Suspiros poeticos,* depois Visconde de Araguaya, era uma figura aulica, da côrte imperial, a quem o imperador Pedro II dedicava particular affeição. O joven Alencar, na critica acerba — das *Cartas sobre a confederação dos Tamoyos,* penetrava intimamente na factura deste poema, assignalando-lhe os defeitos, tão ás claras, de modo relevante, que não deixava duvidas sobre os erros ou deslises do autor.

Na 1ª destas cartas escreve, referindo-se ao conjuncto de poema:

"Falta-lhe um quer que seja, essa riqueza de imagens, esse luxo de fantasia que forma na pintura, como na poesia o colorido do pensamento, os raios e as sombras, os claros e escuros do quadro". E mais adiante: "Quanto á metrificação, o poeta descuidou-se inteiramente da forma, o que aliás é natural, pois o estudo da poesia estrangeira, provavelmente, fez-lhe perder o gosto apurado, e a suavidade e cadencia do verso portuguez.

Ha no seu poema um grande abuso de hiatos e um desalinho de phrases, que muitas vezes offende á euphonia e doçura de nossa lingua; tenho encontrado nos seus versos defeitos de estylo e dicção, que um simples escriptor de prosa tem todo o cuidado de evitar para não quebrar a harmonia das palavras.

Como se vê, destes extractos, a carta contra o poeta da *Confederação dos Tamoyos* era dura, senão violenta. Não admira que causasse no meio literario de então, profunda commoção, dando ao autor certo relevo entre os escriptores da terra.

Diz-se que S. M. o imperador Pedro 2º, sensibilisado com o silencio da imprensa, conseguira que o grande orador sacro, Frei Francisco de Mont'Alverne, viesse á arena em defesa de Magalhães.

Alencar, porem, nas sete cartas que escreveu, reinvidou-lhe as censuras com notavel vantagem, como se vê das notas da publicação em avulso das mesmas cartas, em 1856.

A estréa do joven fôra brilhante; grangeara-lhe as sympathias do publico ledor.

Em 1859 entrava para o funccionalismo, como chefe de secção da Secretaria do Miniterio de Justiça, para no anno seguinte entregar-se á vida politica, representando o Ceará na Camara temporaria.

Por motivo que não vem ao caso especialisar, Alencar até então rebento do liberalimo adiantado,

afasta-se do partido liberal, adherindo a causa dos seus adversarios.

Era no tempo em que no Brasil se operava profunda transformação na politica geral, com a vinda para o partido liberal da cohorte já celebre de antigos conservadores, tendo á sua frente o marquez de Olinda, Zacharias de Góes, Nabuco, Paranaguá, Sinimbú e outros, sob o nome de partido progressista.

Alencar, com o espirito combativo que se lhe conhece, volta á imprensa, não como collaborador de algum dos periodicos opposicionistas, mas na qualidade de livre atirador, sem liames partidarios, em *Cartas avulsas*, assignadas com o pseudonymo de Erasmo. A primeira serie dessas cartas, endereçadas ao Imperador, em Janeiro de 1865, provocaram geral curiosidade, sendo attribuida aos mais notaveis jornalistas.

A belleza do estylo, de par com a severidade dos conceitos, deixava transparecer a penna afiada do autor do *Guarany*.

"A verdade, filha do céo, como a luz não se apaga". Assim inceta Alencar a 1ª carta, proseguindo:

"No seio da escuridão mais densa jaz a centelha que afinal propaga a chamma".

"Em todos os tempos, quando a corrupção invade e o vicio contamina as fontes da vida publica, Deus suscita um apostolo para salvar no meio da geral dissolução a dignidade da razão humana. As vezes é um historiador, como Tacito, ou um poeta, como Juvenal, outras é Demosthenes, o orador, ou Seneca, o philosopho.

Atravez do zumbir da lisonja, do riso aparvalhado das turbas, do resfolgo opresso das consciencias, no meio das bacchanaes publicas, ergue-se vibrante e sonora a voz da verdade, semelhante ao canto do cysne de uma sociedade que succumbe.

"O Brasil passa neste momento um transe bem

doloroso. Se a rotação dos Estados tem seus dias e suas noites, nós chegamos já as sombras crepusculares de uma tarde medonha; os prodomos da tormenta são sinistros; a calma podre da opinião assusta os espiritos mais intrepidos".

Nesse estylo, um tanto declamatorio, mescla de Chateaubriand de quem Alencar se confessa profundo admirador, nos conceitos pessimistas, e de Cormenin, na vehemencia do ataque, Erasmo só vê incertezas e máos presagios na politica, então chefiada pelo Marquez de Olinda e Zacharias de Góes.

Percebe-se na dureza da censura, o adversario intarnsigente, mais desejoso de aluir a posição ministerial do que abrir novas traças ás praticas governamentaes.

Nisto Alencar distancia-se do pamphletista, quasi genial, que foi Junius, nas celebres cartas contra o ministerio Rockingham em 1782, na Inglaterra. O publicista inglz, embora vehemente, rispido ás vezes, norteava-se em prol do bem geral, da integridade da constituição, em risco de ir a pique, de sossobrar com a interferencia indebita, pessoal, de George III na administração do paiz.

Junius apontava factos, tocava com o dedo as chagas do governo; emquanto Erasmo declamava sonora e apocalyticamente, como os velhos prophetas de Israel: "A mentira escandalosa, preopina elle, atêa por todo o paiz a affronta de collo alçado a indignação dos caracteres circumspectos. A patria cala-se mas córa; e o estrangeiro já não esconde o riso de mofa".

E accentuando bem os seus intuitos partidarios, apostropha ao Imperador nestes termos: "O povo espera de vós: — que anniquileis os bandos de ambiciosos que se associam para explorar as desgraças publicas em proveito seu; — que expulseis do santuarios da nação os reus de improbidade politica, como Christo enxotou os mercadores do templo; — que ordeneis aos poderosos o respeito á mo-

ral e á justiça, dando vós primeiro o exemplo do desprezo pelos caracteres polluidos, qualquer que seja a altura a que tenham galgado".

Ha, neste appello, directo ao monarcha, profundo discentimento com o liberalista inglez, cujo nome acabo de lembrar. Aqui se antepõe a corôa ao paiz, como correctivo das enfermidades administrativas; ali se appella para nação como meio de restringir a interferencia do chefe supremo do executivo na acção governamental; um espera do monarcha a salvação dos costumes politicos, é o conceito cezariano, ultra conservador; outro pede ao povo, ao eleitorado, ao parlamento que cohiba a acção perturbadora do poder no exercicio das liberdades constitucionaes.

Alencar, como todos os espiritos ardentes, convictos, vendados pelos preconceitos de uma causa, só vê sombras, ruinas, escombros nos arraiaes do partido adverso, e descrido do presente, proclama que "a politica já não crêa, como de principio, martyres da liberdade, servidores de uma idéa, cidadãos eminentes; agora distribue sorrisos e favores áquelles que a sequestram. Aos infelizes arranca-lhes a flôr de reputação, que uma vez crestada nunca mais tornará a viçar; aos desprezados sopra-lhes o desanimo n'alma".

Seria longo acompanhar o liberalista da situação *progressista*, nesta campanha pejorativa, que só por si daria assumpto para extensas considerações.

A situação contra qual Alencar tanto porfiara, em 1865, extinguia-se poucos annos depois, m Julho de 1869, com a queda do Gabinete Zacharias, e a organisação do ministerio conservador do visconde Itaborahy, no qual Alencar occupara a pasta da Justiça.

Desentimento na escolha do Senador pela provincia do Ceará, levara-o a exonerar-se deste gabinete e consequentemente oppugnar a politica dos seus ex-collegas.

Foi um acto de hombridade, revellador da tempera civica, do caracter do illustre politico, preterido na escolha imperial por quem não fazia parte daquelle gabinete.

Itaborahy estava na pujança do poder, concentrando em si toda a força do partido conservador. Por mais fama que tivesse um discolo de sua direcção, era um politico sacrificado.

Alencar, excluido do parlamento, sentou tenda na imprensa, creando o *Dezeseis de Julho*, que foi um dos periodicos mais bem redigidos do seu tempo. Já a molestia, que lhe minava o organismo, começara a enfraquecer-lhe as forças e feril-o em breve na existencia, pondo-lhe fim em 1877.

O ESCRIPTOR

Falta-me competencia para apreciar com espirito critico, literario, a grande obra imaginativa do nosso mais fecundo, popular e justamente acatado romancista. Apenas rascunharei rapida noticia sobre as suas principaes creações.

Atravessavam as letras uma phase de renascimento quasi universal. A escola romantica, que surgira em França com V. Hugo, Lamartine, Vigny, Delavigne e outros, na queda dos Bourbons, adquirira suprema pujança no reinado de Luiz Felippe, e como que se universalisara por todos os paizes civilisados.

Em Portugal, esse movimento tomara energico impulso sob a direcção de Garrett, A. Herculano, A. Castilho, Rebello da Silva, Andrade Corvo, João de Lemos e outros.

Os brasileiros que frequentavam a universidade de Coimbra trouxeram para o Brasil a nova feição literaria com a evocação historica dos feitos e costumes sepultados no pó dos annos.

Walter Scott ceara o romance historico no começo do seculo XIX, quando a nossa civilisação vibrante, ardorosa e industrial, ainda não havia transformado a face da terra e lhe alterado os sitios mais pittorescos, nos quaes as gerações passadas representaram a quota da vida que se funde na hsitoria nacional.

W. Scott conseguira facilmente reconstruir esse passado longinquo pelo aspecto scenico dos sitios regionaes, quase invariaveis no seu tempo aos das antiquadas datas de seus romances. Nem as estradas de ferro, nem as grandes uzinas, haviam transformado os aspectos locaes, desfigurado a obra da natureza que Ruskin pretendera conservar integra contra os progressos demolidores.

Em França, quasi todo romantismo hauria do passado o motivo de suas creações: *Hernani* e *Notre Dame,* de V. Hugo; *La Tour de Nelse* e os romances historicos de Dumas, despertaram em Portugal a volta aos typos e glorias nacionaes com o *Monastincon* e as *Lendas e Narrativas* de Herculano; *Frei Luiz de Souza, Camões* e o *Alfageme de Santarem,* de Garrett.

Evocava-se o passado, lembravam-se os dias gloriosos da patria, as figuras de relevo já mortas, como para enrijar a fibra patriotica das novas gerações.

Gonçalves de Magalhães, não de todo desprendido do classismo expirante, voltara-se para as lendas indigenas na *Confederação dos Tamoyos;* Gonçalves Dias, mais sentimental, mais lyrico e mais nacionalista, iniciara em Coimbra, a poesia americana. Como o Brasil não possuia a historia dramatica daquellas velhas nações, offerecia aos seus artistas a lenda indigena de seus primitivos habitantes ou os raros movimentos sediciosos, inter-alliados, a largos espaços, do monotono viver colonial.

Chateaubriand e Cooper haviam romantisado o selvagem americano, com tal exuberancia de colori-

do, de tonalidades pinturescas, de paizagens amenas e até de sensibilidade affectuosa, que facil fôra por imitação transportar para as selvas brasilicas os Juca Pyrama, os Ambire, os Guaranys e Iracema.

Alencar ao imitar de proximo a Chateaubriand, naquelle estylo sonoro, musical, dulçuroso, estrea em 1856, no romance nacional, em folhetins no *Diario do Rio de Janeiro,* com o Guarany.

Foi uma verdadeira revelação nas letras. O autor procurou reivindicar para o selvagem a generosidade, a ternura, a coragem que os nossos chronistas lhe recusam, ou quasi desconhecem.

Ao ler-se Simão de Vasconcellos, I. d'Evreux, Gabriel Soares e os mais antigos conhecedores dos incolas brasileiros, percebe-se desde logo o contraste entre esta ficção romantica e a rude e desataviada realidade. O selvagem brasilico pouco, mui pouco, possuia sentimentos generosos. Ao proprio Anchieta que se lhe devotara, quantas vezes esteve em risco de ser morto por aquelles a quem se dedicara.

O *Guarany* de Alencar é quasi um christão, um homem civilisado, um amoroso á molde dos heroes celebrados por Chateaubriand.

O indio despe a selvageria nativa em face da civilisada filha da raça colonisadora. Cecy é a Atala brasileira. Ha nas duas personagens o mesmo parentesco, a mesma vibratilidade affectiva; são idealisações de amores puros, mal desabrochados a occultarem no botão todo o matiz e esplendor da flôr, estiolada antes de receber a caricia do orvalho matinal.

Pery é o cavalheiro andante, egresso da *Tavola redonda,* dos encantamentos de S. Gral, para vir defender a honra da donzella nas selvas americanas. O mesmo affecto, extreme de sensualidade, a mesma devotação ao culto da castidade, a mesma doçura no trato ordinario.

O romancista brasileiro pedio a Octave Feuillet a nobreza e altivez do Conde de Camors, de Felippe

de "Julia Trescœld" e de quantos alambicados heroes sentimentaes enriquecem a literatura do segundo Imperio francez.

Como estes, cheio de nobreza, de dignidade e de honra, Pery é um ser excepcional, um super-homem, que não tem por ideal senão satisfazer os desejos da filha de Antonio de Mariz. Elle o confessa quando diz a Cecy que é seu escravo, para quem a vida não passa de suprema alienação da vontade em proveito da senhora.

Em *Iracema*, a factura é porventura mais poetica; mas o entrecho do poema sublima o amor indigena com todas as ardentias das paixões violentas que alimentam no coração das donzellas os extases, as abnegações, as covardias da vontade que anestesiam os sentimentos profundos da honra e da virtude.

Seu amor é uma devoção, a renuncia de si, alguma cousa da Margarida de Goethe, paralisada no sensorio pelo dr. Fausto; sempre passiva e descuidosa, na crença robusta de que viver é amar, sendo o ser querido o senhor, o dono do exclusivo, o enlevo, o unico a quem se deve obediencia absoluta, sem reflecção nem contradicta.

A amante de Soares Moreno é um titere, um corpo sem vontade, uma escrava que só almeja contentar o eleito de sua alma.

Na existencia ordinaria se esta passividade envaidece o objecto das nossas affeições, acaba por enfraquecer a propria emotividade e diluir os surtos d'alma, reduzindo-os a monotonia de um fatalismo irrevogavel, de um sentir sem alternativas, sereno embora, mas carecido dos lances que abalam e vigoram as fibras do coração e robustecem pela incerteza, pela duvida, o esmorecido affecto, prestes a se extinguir no habito ou na saciedade.

E depois, na labuta da existencia corporea, a luta é o combate de todo momento, sem tregoas, nem desanimo, assim no moral, desde que o coração dá

treguas ao anhelo pela felicidade, e repousa, dormente, á margem do ideal que o aculeia, esmorece, entibia-se, e ao mais leve choque, ás solicitações de outro coração, géra novas modalidades no sentir, senão novos amores.

Em Iracema, a affectuosidade assemelha-se a agua estagnada dos poços profundos, não agitadas pela aragem matinal. Nella não ha excitações, estimulos que a alterem, nem ciumes, nem arrufos; é o amor praticado, sem haver passado por aquella crystalisação de que nos fala Stendhal; foi um ente servil no qual a falta de espontaneidade quedou-se, sem aspiração do melhor, na inercia volitiva caracteristica dos espiritos apathicos.

Na transição do nacionalismo para o cosmopolitismo, do romance americano para o de costumes sociaes da alta roda, Alencar foi influenciado pela corrente então dominante em França.

Luciola é uma Dama das Camelias, menos parisiense e porventura mais viciada, incapaz da regeneração que Dumas Filho ideara para as grandes peccadoras arrependidas, santificadas por um amor intenso e sincero.

A se admittir com Lombroso que os estygmas ou taras pessoaes vêm do berço, que as vocações artisticas ou profissionaes se elaboram no ovulo fetal, a these regeneradora da decahida corre o risco de ir a pique em face da sciencia e dos factos. No sossobro da virtude, nas apparencias lastimaveis das perversões sexuaes, talvez em algumas almas selectas sobrenade o coração impoluto, qual naufrago perdido e açoitado pelos vendaveis da fraqueza corporea nesse oceano revolto de illusões e prazeres, de materialismo e inconsciencia que tantas infelizes sulcam na vida.

Senhora é o capricho incarnado na mulher bella e garrida, uma heroina á *Julia Trescoeur* ou a *Petite comtesse* de Feuillet, uma emula da heroina do

Maitre de Forges de Ohnet, sempre alerta contra a altivez do joven pretendente, de quem, no remate da urdidura sentimental acaba por acceitar as homenagens e abater os impulsos exagerados do amor proprio.

As *Minas de prata* são, no parecer do visconde de Taunay a obra de maior folego, cujo confronto com outras do mesmo genero, e sobretudo de procedencia portugueza, das quaes a mais notavel é sem duvida os *Bandeirantes,* de Mendes Leal, podem ser tidas (as Minas de prata) em conta de verdadeira obra prima.

Alencar não se ateve somente a creação do americanismo indigena com o *Guarany, Iracema* e *Ubirajara,* perlustrou todos os dominios literarios, quasi sempre com a superioridade de seu talento sem rival nas nossas letras.

Não percorre, como Balzac, toda a *Comedia humana,* todas as manifestações da vida social, nos differentes meios em que ella se manifesta; mas do incerto indianismo passou a contar os vaivens da domesticidade, da roda mundana onde se ateiam as intrigas feminis e se emaranham os sentimentos intimos.

A sua psychologia é geralmente pouco analytica e como que superficial. Verdade seja que ainda não havia surgido o genero puramente psychologico de que o *Discipulo* do Bourget foi o estalão.

Os heroes e heroinas de seus romances são raramente seres com os instinctos, paixões e proceder que se nos deparam no trato ordinario.

Os costumes sertanejos foram por elle apreciados, atravez de reminiscencias de sua infancia e primeira mocidade. Ha, contudo, nas suas descripções, no colorido das paizagens sertanejas, traços verdadeiros, impressionantes que parece terem-se-lhe gravado na retina com a precisão de uma chapa photographica. Nas minucias, nos pormenores da vida matuta ha muito que tarar, senão refundir e

completar; mas no todo sente-se uma como nostalgia, uma saudade dos campos nataes, da natureza e agreste das selvas nativas.

Falando da "immensa campina que se dilata por horizontes infindos da terra natal", no *Sertanejo*, lembra "ahi campeia o destimido vaqueiro cearense, que á unha do cavallo acossa o touro indomito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admiravel destreza".

"Ahi, ao morrer do dia, rebôa entre os mugidos das rezes, a voz saudosa e plangente do rapaz que aboia o gado para recolher aos curraes no tempo da ferra".

E ao evocar esse scenario tão longinquo, destilla-se-lhe do coração a ternura por um passado semi-morto nos reconditos da memoria.

"Quando te tornarei a ver, exclama Alencar, sertão de minha terra, que atravessei ha tantos annos, na aurora serena e feliz da minha infancia? quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nos quaes o homem communga a seiva dessa natureza possante?"

Tristemente accrescenta: "De dia em dia aquellas remotas regiões vão perdendo a primitiva rudeza, que tantos encantos lhe infundia".

Seria quasi intermino apreciar mesmo succintamente, cada uma das obras deste fecundo escriptor que ainda hoje é mais lido do que outros, seus successores, no romance nacional.

Ha, porem, um genero por elle tratado, no qual revelou dotes excepcionaes, e que parece ser avesso aos nossos escriptores. Refiro-me ao drama: *O demonio familiar, Verso e reverso, Noite de S. João, As azas de um anjo, o Jesuita,* não são comedias ou dramas de theses, á Dumas Filho, no qual o autor pretende salientar as particularidades de um facto social, contrariado pela legislação ou pela simples moral convencional.

No *Demonio Familiar,* por exemplo, Alencar

quiz mostrar a interferencia molesta na familia da criadagem escrava de então, o constrate entre a moral domestica, simples, pacata e modesta e o cynismo inescrupuloso do moleque escravo, educado na ralé das ruas, mas acolhido, senão ouvido, no seio da familia, a exercer a alcovitice segredeira que deprime a inocencia da moçoila e estreita laços de intimidade, na convivencia da criadagem, mal educada com o senhorio de sentimentos apurados.

Não me cumpre mostrar uma das feições caracteristicas do grande escriptor, a de jurista, na qual tanto illustrou a jurisprudencia patria.

Em "*Uma these constitucional*" interpreta com notavel lucidez o artigo da constituição imperial pelo qual os principes eram chamados a tomar parte no Conselho de Estado desde a maioridade. Alencar, em contrario ao grande constitucionalista Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente) opina que a expressão "principe" não se devia applicar ás princezas imperiaes, apoiado em argumentos tão valiosos, que modificaram o projecto do marquez.

No *Systema representativo* esforçou-se tenazmente em pugnar pela representação das minorias, com tal brilho e logica que levou o governo a ensaiar o voto incompleto, meio de satisfazer aquelle desideratum.

Não me cabe, como ficou dito, analizar ou expor a obra juridica de Alencar; quiz, no exemplo atraz, mostrar a sua orientação nesse particular.

Em summa, o que distingue o escriptor cearense e se lhe assignala papel inconfundivel, sainete proprio, nas letras nacionaes, é a proteiformidade de seu talento, a perennidade de sua fonte inventiva e mais do que tudo, a doçura, a cadencia, a nota melodica de seu estylo, a suavidade de linguagem, o encanto, a magia, dessa musica cantante que des-

perta no leitor sensações doces, mescladas de ternura, tão suggestiva que lembram por vezes a prosa limpida e lapidar de Renan.

Ha paginas no *Guarany*, descripções tão empolgantes em alguns dos seus livros, a um tempo indefinidas e vagas, como se fossem aclaradas pela luz motiça do crepusculo da tarde que recordam a maneira indecisa de Loti.

Sua phrase não tem as arestas e as asperezas dos escriptores, que se lhe seguiram, é sempre corrente, limpida, singella, carinhosa, dôce e como que untuosa. Parece defluir espontanea, sem as contorsões do portuguez de alem-mar, duro e aspero.

No escriptor brasileiro a caudal do estylo deslisa em meio de flores, placida e serena, como o murmurio leve e harmonioso das aguas em plano ligeiramente inclinado. No de Portugal, em Camillo, por exemplo, phrase é contorcida, e como que se despeja ora em cachões vultuosos, ora por fragas alcantiladas, em quedas bruscas e saltitantes.

Em Alencar, a clareza illumina a oração, com luz sempre igual e fulgida; em Camillo, muita vez, como que se apaga o facho do discurso e campeiam sombras, incertezas sobre o seu sentido exacto.

Alencar é a melodia cadenciosa, Camillo a harmonia rumorosa de orchestração cadenciosa. Uma velha musica de Sernimmes, outro a de Tanhauser.

Referindo-se a Alencar, o severo e justiceiro Sylvio Romero, com João Ribeiro, escrevem:

"Pode-se dizer que não ficou recanto do nosso viver historico-social em que elle não tivesse lançado um raio do seu espirito. A sua extraordinaria facilidade de escrever um vocabulario rico, e, ao mesmo tempo, transparente, simples, e num estylo sonoro e vibrante; sua poderosa imaginação sempre prestes a alçar o vôo; seu talento descriptivo, lesto nas scenas humanas, brilhantissimo na paizagem e

nas scenas da natureza, e ter-se-á a idéa da valia deste escriptor".

(*Compendio de historia da literatura brasileira*, por S. Romero e J. Ribeiro, pag. 272).

"As letras eram a sua paixão, o attrahiam com força irresistivel.

O folhetim, a novella, o romance, a comedia, o drama, a critica o fascinavam". (Ibid., pag. 274).

"Basta dizer, por ultimo, que foi o primeiro que deu á prosa no Brasil o lavor artistico do estylo aprimorado e brilhante, o que tem sido até agora, o mais aprimorado de nossos paizagistas e que mais vigor tem revelado na habilidade de descrever e narrar.

"Ha um assumpto em que na literatura universal elle encontra um só escriptor que se lhe possa approximar: é no talento, na destreza, no mimo com que descreve a *moça*, a donzella, a senhorita, a mulher joven e pura, e, nisto, o seu rival é G. Sand". (Ibid., pag. 276).

"Ajuntaremos somente que o dramatista em *Mãi* e em *Jesuita* tomou posto entre os mais distinctos escriptores do genero, não já da lingua portugueza, como da literatura universal". (Ibid., pag. 283).

O sr. Ronald de Carvalho, *Pequena historia da literatura brasileira*, pag. 252, esposa as opiniões de S. Romero e J. Ribeiro, quando escreve a respeito do *Guarany* e *Iracema* que "nunca se tinha visto, nem no proprio Gonçalves Dias, tanta frescura de emoção, tanta elegancia de estylo, tanta graça nas idéas e nas narrativas. O indianismo de Alencar é superior ao de G. Dias, não só por ser mais sincero, mas tambem por ser mais amplo e magestoso...

"Alencar possuia em alto gráo o genio do pittoresco. Seus romances de fundo americanista, incontestavelmente os melhores que produziu, são, para servirmo-nos de um conceito de Chateaubriand sobre Atala, "poemas descriptivos e dramaticos", onde a urdidura da intriga é quasi sempre um pretexto

para pintar a natureza. O sentimento discreto do artista e do homem, concorreu para realçar o encanto dos seus livros, de um colorido sobrio e penetrante. Alencar era antes de tudo poeta". (Pagina 253).

No pensar do sr. Arthur Motta, no estylo de Alencar predomina a nota descriptiva com muita sobriedade e com muito relevo de imagens encantadoras. Ha, a meu ver, na linguagem do romancista alguma coisa da nostalgia de um passado longinquo, terno, melancolico, sem a tristeza crepuscular, indefinida, quasi plangente de Loti.

Em Alencar a descripção aviva, calida, colorida, fluente como um ribeiro que deslisa em planicie raza, sem acidentes, serenamente. Suas imagens são simples, naturaes, despidas de exotismo e de artificios; sua dicção é limpida, corrente, sem os arrevessos ou contorsões do velho classismo. Mesmo quando Alencar precisa deixar o espirito do leitor suspenso, a imaginar o desfecho de uma narração, a conjecturar-lhe o seguimento, não cae das sombras de um crepusculo mental, como Loti.

E' um parente de Chateaubriand, menos pomposo e mais realista, mas com a mesma fulguração de luz, de tintas, de esplendor. Em Loti a phrase, para se tornar expressiva, representativa fiel da paisagem, assume, ás vezes, tons abruptos, incisivos, sem grande estrepito, mas movimentada e murmurante; em Alencar a cadencia, a harmonia, os sonidos doces, não são quebrados nunca pela especie de palavras cortantes, duras e insonoras. Mesmo ao desenhar ao vivo a queimada no sertão, os estalidos dos galhos verdes que resistem á combustão, ou a carreira vertiginosa do vaqueiro a romper o mattagal nas vaquejadas, elle não se afasta da linha sonora e melodiosa do seu estylo habitual.

O gemido da floresta batida pelo vendaval, o farfalhar da folhagem em rodopio nocturno semelhante ao impeto das primeiras chuvas quando so-

pra o vento da costa na campina e ás portas dos povoados, do *Aracaty* violento a refrescar as noites do sertão; ao ruido gritante do carro de bois que passa pela estrda; todo o arfar rude da vida sertaneja, Alencar descreve com cores atenuadas, amenas á visão.

Não me recordo se em alguns dos seus romances elle narra o horror de uma tempestade, na furia dos ribombos que ensurdecem, e dos relampagos que deslumbram a vista, no interior das nossas selvas, mas se o fez, com certeza esmaeceu o espectaculo tenebroso, medonho, tão caracteristico da nossa natureza.

E' que Alencar é um delicado, um sensitivo fino, que se não compraz nas arestas escamosas do inculto, do baixo e do feio.

O realismo para elle não imita os enxames de varegeiras a sugaram a peçonha das pustulas; não desce ás objecções dos sentimentos aberrantes do ser ordinario; porque na vida diuturna estes episodios são excepções, tumores que rebentam sem provocarem a attenção, nem cuidado dos passantes.

Zóla céde a penna de escriptor realista a Flaubert, mais equilibrado ou menos exagerado.

O sr. A. Motta nega a Alencar a faculdade de observação e analyse psychologica. Os personagens dos seus romances são inverosimeis e não se susteem de pé por muito tempo.

A critica é por demais severa. Na vida ordinaria, as qualidades ou defeitos que caracterizam as pessoas não obedecem á logica rigorosa, que certos caracteres relevantes parecem dominar e se impor em todas as manifestações da existencia. Só nos romances de theses as personagens são inteiriças e procedem em todas as occasiões, segundo os sentimentos e idéas que o autor lhes assignala. As suas posições e attitudes conservam uma directriz inflexivel, sempre a mesma, como se fôra um theorema geometrico ou um sillogismo irreductivel. Taes per-

sonagens á *Conde* de Camors, de Feuillet, ou ao *Discipulo* de Bourget, só excepcionalmente se mostram no convivio social.

P. Bourget poz em moda o romance psychologico, no qual os figurantes quasi não se moviam, nem procediam sem analysarem os proprios actos. A cada instante, á menor tregua, recolhiam-se em contemplação analytica como quem se prepara para uma confissão religiosa. E' este constante exame de consciencia, que ás vezes distrae o leitor do trama ou curso natural da narrativa.

A' esta psychologia, que senta melhor nos estudos psychiatricos, nas manifestações paranoicas ou aberrantes da existencia, contrapõe-se a apresentação dos caracteres, taes como se revelam nas occasiões, logicos ou não.

O romantismo creou o extraordiario, o singular, o excepcional. Os seres que elle move e acarecia...